



RESENHA – REVIEW – RESEÑA

MAPAS DO 'PECADO': RUAS E SUJEITOS DA PROSTITUIÇÃO

MAPS OF THE “SIN”: STREETS AND SUBJECTS OF THE PROSTITUTION.

MAPAS DEL 'PECADO': CALLES Y SUJETOS DE LA PROSTITUCIÓN

Por: **Latif Antonia Cassab.**

Pós-doutoranda na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), pelo Programa de Pós-Graduação em História. Doutora em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2003). Pesquisadora extensionista na área da violência doméstica à mulher, através do Projeto de Extensão: Identidade Mulher, Programa Universidade sem Fronteiras - SETI/PR. E-mail: latif_cassab@yahoo.com.br

FÁVERI, Marlene; SILVA Janine Gomes da; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Prostituição em áreas urbanas.** Histórias do Tempo Presente. Florianópolis, Santa Catarina: UDESC, 2010.

“Que nada nos defina. Que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância.”
DE BEAUVOIR, Simone.

O recém lançado livro “Prostituição em áreas urbanas. Histórias do Tempo Presente” se constitui em uma coletânea de textos, resultado de investigações científicas realizadas por pesquisadores com as mais diversas formações na área humano-social, com temáticas em torno da prostituição praticada em diferentes espaços e tempos, no Estado de Santa Catarina. Trata-se de um documento consistente, ilustrado por inúmeras imagens e fotografias, explicitando o vínculo entre a teoria, a realidade dos contextos socioculturais e as mulheres ditas como “decaídas ou desqualificadas” que nesses espaços transitaram em um evoluir histórico. Entre as categorias que embasaram as análises, podemos citar a violência, a legislação, o sistema sociojurídico, entre outras que permeiam as interpretações



Obra licenciada com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-Uso Não-Comercial-Não a obras derivadas 3.0 Unported](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/).

investigativas, sempre sob diferentes olhares e concepções teóricas. No entanto, o que sobressai é a categoria da territorialidade, enquanto espaço a que são remetidas tais mulheres. Na 'geografia do prazer', a 'conduta moral e social' imposta às mulheres pela sociedade limita o viver dessas em sociedade, desvelando o imbricamento entre territorialidade e exclusão social. Mas, se de um lado a sociedade burguesa buscou cercear a liberdade dessas profissionais, por outro, contrariando a ordem estabelecida, muitas resistiram ao poder controlador, vencendo o espaço de confinamento e saindo à rua, em busca de trabalho.

O livro "Prostituição em áreas urbanas. Histórias do Tempo Presente" está dividido em dezesseis capítulos, que serão aqui comentados em uma perspectiva linear. Assim, inicialmente, discorrerei sobre a "Apresentação", elaborada por Joana Maria Pedro, na forma de um primeiro capítulo, intitulado "Vender o corpo, vender o sexo – serviços sexuais e trabalhadoras/es do sexo: uma apresentação". A autora inicia-a questionando "O que vendem as pessoas que fazem da prostituição uma forma de trabalho? Vendem o corpo? Mas se vendem, então nunca o entregaram. Vendem o sexo? Também não o entregaram, uma vez que o genital continua no corpo de quem faz prostituição. Vendem o corpo e/ou o sexo é o que se costuma dizer de quem oferece serviços sexuais. Uma forma de desqualificar este tipo de função." Sobre tais questões desenvolve sua argumentação enfatizando que a esse tipo de trabalho foram atribuídos diversificados nomes, que sempre estiveram vinculados a políticas específicas, que ora reivindicavam tais serviços como necessários, e daí a necessidade de sua regulamentação, ora pretendiam proibi-lo completamente, expulsando de seus nichos os sujeitos que o exerciam. No segundo capítulo, "As piriquetes de Floripa – práticas contemporâneas de propagandas de sexo pago", Marlene de Fáveri relata uma pesquisa sobre os serviços oferecidos por profissionais do sexo no Centro de Florianópolis/SC, através da distribuição de panfletos. A pesquisa foi realizada em 2008-2009, utilizando cento e vinte e seis diferentes panfletos, considerando as variações do texto impresso, entregues por homens jovens, embora as mulheres também realizassem tal atividade, e usando entrevistas com dezessete homens, moradores de Florianópolis, com idade entre 26 e 63 anos. Vários foram os depoimentos e informações através dos quais a autora pôde observar como funciona a rede de negócios, movimentando um mercado direcionado ao prazer, legal ou ilegal, livre de qualquer ônus fiscal.

"Casas, esquinas e ruas 'do pecado': lugares de prostituição, memórias sobre

um 'discurso caminhante"', de Janine Gomes da Silva, contextualiza, de forma sucinta, como as ruas de determinadas regiões urbanas de Joinville/SC são rememoradas como antigos e atuais lugares de prostituição. A autora relata que ao conhecer o patrimônio cultural edificado no Centro da Cidade, através das memórias e lembranças de moradoras/es, emergiram, em algumas entrevistas – concedidas principalmente por mulheres, em específico aquelas nascidas antes de 1950 – relatos sobre a prostituição: dos itinerários, ruas e lugares onde essa prática aconteceu. O texto procura evidenciar “a geografia dos lugares de prostituição da cidade” e o parecer de seus habitantes sobre tais espaços, na perspectiva material, simbólica e funcional, enquanto locais que ofereceram serviços sexuais com diferentes contornos e, como “discursos caminhantes”, continuam sendo lembrados como “lugares do pecado”.

“Infância, exploração sexual e o programa social Sentinela (Florianópolis, 1980-2005)”, de Silvia Maria Fávero Arend, começa discorrendo sobre o cenário da legislação menorista acerca da infância e da exploração sexual, seguida de alusões ao Programa Sentinela em Florianópolis/SC. A partir desse panorama, é construído o perfil de duas adolescentes que desempenharam atividades de prostituição, revelando a sua trajetória de vida até o desligamento do referido Programa e também de seus familiares. A maioria dos dados foi obtida num conjunto de prontuários de jovens que, em determinado período, exerceram a atividade de prostituição e foram atendidos pelo Programa Sentinela. Finalizando, a autora expõe a necessidade de revisão das políticas sociais pelo Estado, para atender essa população, com mudanças infraestruturais na sociedade, para que intervenções mais profícuas sejam realizadas, pois, em seu fazer investigativo, desvelaram-se outras situações de exploração sexual, materializadas em outros espaços, que não são alvos de atendimento.

“No vaivém da vida: prostitutas em 'trânsito' – Florianópolis (1900/1940)”, de Ivonete Pereira, narra fatos de violência envolvendo profissionais de sexo e homens, no início do século XX, num contexto sociojurídico em que os relatos das testemunhas eram qualificados com base na classe social a que pertenciam e na sua concepção moral. Em outros termos, as “decaídas” ou “desqualificadas”, como eram chamadas as mulheres que comercializavam o sexo naquela época, tinham seus depoimentos menosprezados no sistema jurídico. Nesse contexto, algumas autoridades, como a policial e a judiciária, acreditavam que “prender hoje e soltar

amanhã” era a melhor forma de “corrigir” as desajustadas, enquanto outras, como teólogos e educadores, reclamavam que essa prática não produzia resultado, sugerindo que a solução seria removê-las para outros nichos, a serem criados exclusivamente para acolhê-las. Assim, isoladas, poderiam ser submetidas ao trabalho, como alternativa correcional. Trata-se de um processo perverso de odiosa exclusão social, na perspectiva de sujeitar essas pessoas a uma ordem burguesa capitalista, pautada nos princípios de trabalho. Remetidas a um lugar comum – o meretrício – haveria melhores condições do controle policial, mas principalmente médico, sobre o corpo dessas mulheres. A autora finaliza o artigo constatando que, apesar dos diversificados lugares e diferentes tipos, as relações entre a prostituta e o poder controlador se engendraram de distintas formas. E, apesar das mudanças que aconteciam na cidade, aquelas mulheres estavam sempre atentas a essas transformações e cuidando de suas vidas como qualquer outra pessoa naquele cenário.

Marilange Nonnenmacher, autora do artigo “Conselheiro Mafra: a alma de uma rua chamada 'pecado’”, relata suas reflexões acerca da instituição dos limites subjetivos, dispersos e realinhados sobre a Rua Conselheiro Mafra, de modo especial a prática do comércio sexual em pensões e hotéis localizados em determinados segmentos da rua, desde o tempo da movimentação portuária. Nesse contexto, receosos de difamação, muitos transeuntes evitavam passar por certos trechos, principalmente à noite, além de um acordo tácito entre alguns grupos da sociedade para que tais profissionais só aparecessem em público de preferência após as vinte e uma horas.

“A Cidade das Camélias e as Camélias na cidade”, de Raquel Alvarenga Sena Venera, aborda a questão dos espaços ocupados pelas mulheres na cidade portuária de Itajaí/SC. O capítulo trata de histórias construídas no movimento entre a Cidade das Camélias, sugeridas por higienistas, médicos, homens e mulheres ditos 'de bem', e o cotidiano das Camélias na cidade, além de retratar as tensões presentes nos jogos de identidade e alteridade, entre a 'mulher do bem, a mãe pura' e 'a mulher do mal, a decaída', expressando uma condição binária entre prostituição e família no espaço urbano. Em “Dona Josefa mudou-se. Aqui mora família – códigos e práticas da prostituição em Itajaí (SC) nas décadas de 1950 a 1980”, Onice Sansonowicz discute, mais uma vez, a questão de uma cidade “[,,] asséptica, com padrões de condutas e valores dignos de quem deveria ser 'civilizado’”. A autora

busca elucidar como era representada a prostituição em Itajaí, nas décadas de 1950 a 1980, utilizando a produção historiográfica existente e valendo-se dos relatos de homens e mulheres que viveram naquela época, hoje com idade avançada. É importante destacar nos relatos da pesquisa, segundo a autora, a transformação da prostituta em vítima; ou seja, nos relatos dos entrevistados, era recorrente a representação da prostituta como digna de piedade.

Em “Retirar as 'ervas daninhas' para não comprometer o 'jardim' – o discurso dos populares sobre a prática da prostituição em Criciúma-SC (1970-1980)”, Adriana Fraga Vieira discorre sobre o crescimento socioeconômico de Criciúma na década de setenta, acompanhado de efervescente prostituição. “Crescimento econômico que trouxe a valorização de muitos usuários da prostituição, permitindo um maior poder aquisitivo para gastar com o prazer sexual”. Tal condição provocou um espraiamento da prostituição por várias regiões da cidade. Nesse exercício, não havia preocupação por parte das autoridades policiais; porém, através de um olhar vigilante e repreensivo, a população requereu à Justiça inaugurar o que até então lhe era praticamente inexistente: o processo de lenocínio. Nesse contexto, as prostitutas inventaram novas formas de resistir à (in) tolerância para se manterem circunscritas a determinadas zonas de prostituição, como a Maracangalha.

No capítulo a seguir, “O 'dote' nos anúncios de prostituição masculina do Diário Catarinense”, Rafael Araújo Saldanha revela a representação masculina dos michês na oferta de serviços sexuais. Nesse trabalho, o autor assinala os traços hegemônicos, intrínsecos, nos anúncios de prostituição, revelando particularidades do corpo e da 'competência' no agir desses profissionais. Em seu “Vila Palmira – Prostituição em Florianópolis e São José (1960-1980)”, Maryana Cunha Ferrari Florentin contextualiza a prostituição como uma das poucas opções de lazer masculino em Florianópolis na década de 1950. Com o crescimento populacional, aliado ao desenvolvimento do turismo, as autoridades passam a não tolerar mais as profissionais do sexo nas mesmas avenidas em que transitavam pessoas 'que se dizia de respeito'. Na década seguinte, anos sessenta, as prostitutas se vêem perseguidas por médicos e polícia local, a fim de isolá-las do ambiente comum para todos, impondo-lhes regras de conduta a ser seguidas. Nessa perspectiva, é deslocada para São José, em novo loteamento, pouco valorizado do ponto de vista imobiliário, a Vila Palmira. A partir desse episódio, a autora tece inúmeras considerações sobre tal providência, tanto para as profissionais do sexo e seus

clientes, como para a sociedade local.

“Garotas de programa: o mercado do sexo no jornal Diário Catarinense”, de Luciane Danelli Barragan, retrata a prostituição com base nos Classificados dos maiores jornais do Estado de Santa Catarina. Desses, a autora selecionou, entre os anos de 1990 e 2000, cerca de setecentos anúncios de mulheres oferecendo serviços sexuais, com o propósito de conhecer o período inicial desses anúncios com o perfil das profissionais do sexo, e se em uma década houve mudanças no comportamento das garotas e na forma de anunciar. Finaliza o artigo expondo o quanto a linguagem do anúncio e a forma de chamar a atenção dos clientes expressam sedução e erotismo, despertando o imaginário dos homens, através de códigos que os atraíam e levando-os a procurá-las. Cristiani Bereta da Silva, autora de “O filme Anjos do Sol e a exploração sexual de meninas: instigando olhares”, faz uma reflexão sobre a exploração sexual de meninas, com base nas narrativas e imagens veiculadas no filme. No capítulo, ela enfatiza que miséria e exploração sexual não se equivalem, ou seja, não há como definir a exploração sexual como consequência da miséria, pois além da condição de miséria e da patologização dos desejos há outros fatores a considerar. No entanto, quero enfatizar que nesse cenário de exploração sexual de meninas, há uma estreita relação entre pobreza, desigualdades regionais e a existência de rotas de tráfico de mulheres e adolescentes para fins sexuais, que acabam sendo naturalizados nos discursos daqueles que atuam com tal problemática.

Em “Brasileiras no mercado sexual transnacional”, Anamaria Marcon Venson aborda como a imprensa, através de seu discurso moldado nas exigências de poder, divulga o tráfico de mulheres para exploração sexual valendo-se das binárias débil e puta-infratora. A autora comenta que nos últimos anos tem-se registrado uma reação contrária ao tráfico de mulheres, o que não é apenas uma luta contra a infração dos direitos humanos e um rechaçamento das práticas comerciais do sexo, mas uma política racista aplicada pelas autoridades de fronteira, formulando mecanismos de exclusão e construindo conceitos discriminatórios e estigmatizantes. Nesse sentido, o tráfico humano é mais do que uma grave violação da lei. É uma afronta à dignidade humana.

No texto “Entre sonhos, pesadelos e fronteiras: experiência de mulheres e/imigrantes entre México e Estados Unidos”, Gláucia de Oliveira Assis centra sua análise exclusivamente em homens e mulheres com experiência de e/imigração

clandestina, com a intenção de compreender as estratégias que utilizam para migrar e o contexto no qual ocorre o contrabando e/ou tráfico de pessoas. Com “As casas de Luz Vermelha: canções e representações das prostitutas através de letras de músicas”, Adriano Francisco Denardi analisa as letras e a poética das letras de música sertanejas, em especial aquelas com forte apelo romântico que aludem às profissionais do sexo, tendo como um dos objetivos identificar em notícias de jornais e *folders* as músicas mais ouvidas nos locais de prostituição em Joinville/SC, e como tais letras transmitem prescrições e/ou idealizações sobre as mulheres que vivem desse trabalho de “vender o prazer”.

Finalizando, vale a pena enfatizar alguns aspectos que considero importantes na obra. Um, sobre a questão da violência, do *apartheid*, da descriminalização, do estigma a que são submetidas as prostitutas, ao longo da história da humanidade. É importante reconhecermos que o prostituir-se é um exercício de escolha pessoal devendo o Estado assegurar-lhes o pleno exercício dessa atividade, E cabe à sociedade respeitá-la, considerando os direitos fundamentais mínimos e a dignidade humana daqueles que a elegeram como meio de prover ao próprio sustento e ao da família. Outro aspecto, refere-se à consistente bibliografia referenciada pelos autores. Há um rico arsenal de fontes, documentos capazes de iniciar os interessados, podendo certamente contribuir para pesquisas mais avançadas sobre o assunto. Ainda, entre os intelectuais citados são recorrentes os nomes de duas estudiosas, Margareth Rago e Joana Maria Pedro, ambas presentes em quase todos os capítulos. Por fim, quero ressaltar a importância da obra por sua singularidade no universo do tema, recomendando-a para a sociedade acadêmica e para outros que se interessem por conhecer, mais profundamente, a questão da prostituição.

Resenha:

Recebido em: 31/10/2010

Aceito em: 07/11/2010